

LILY GRAHAM



INSPIRADO  
NUMA  
COMOVENTE  
HISTÓRIA  
REAL

O  
**BEBÉ**  
de  
**AUSCHWITZ**

Nasceu para morrer.  
Um milagre salvou-o.



TOP  
SELER

BESTSELLER INTERNACIONAL

Inspirado em factos reais

Nasci num mundo que proibira a minha existência.

Se as autoridades tivessem sabido de mim, teriam acabado com a minha vida, antes sequer de esta ter começado.

Não obstante, eu nasci. Pequena e desnutrida, mas decidida a sobreviver, numa das noites mais frias de um dos lugares mais sombrios da história da humanidade. Sem saber e sem perceber que a minha luta estava apenas a começar.

As mulheres que me ajudaram baixaram as suas cabeças rapadas e choraram as lágrimas que eu não podia derramar, juntando os corpos franzinos para me oferecerem proteção.

Quase não emiti nenhum som; os meus pulmões subdesenvolvidos não me deixaram chorar, o que tornaria a minha vida mais difícil, um preço que eu haveria de pagar ano após ano, mas que foi, na verdade, a razão por que sobrevivi.

É que havia bebés a nascer em Auschwitz.

E eu fui um deles.

## *Praga, hoje*

Estávamos em novembro, e o frio era uma presença indesejada. Os joelhos de Naděje estalaram quando ela se levantou para pôr mais um cavaco na salamandra. Lá fora, o nevoeiro dissipava-se, e as luzes das ruas transformavam o horizonte numa névoa algodoada cor de âmbar. Era uma daquelas noites encobertas e insulares que convidavam a refletir e a beber incontáveis chávenas de café. A cama era um conforto que Naděje não se iria permitir enquanto não terminasse o que estava a fazer.

Olhou para a pilha de cartas à sua frente e, com os dedos envelhecidos, sentiu os vincos profundos nos locais onde a caneta da mãe derramara rios de azul. Adiará aquele trabalho demasiado tempo. Esperara pelo momento certo para contar a história que começara muito antes de ela ter nascido. Esperara pelas palavras certas. Esperara pelo tempo certo. Contudo, a vida não espera até estarmos preparados. A maioria das vezes atira-nos para dentro de água, sem pé, e pede-nos para nadarmos. Estejamos preparados ou não.

Alguém bateu levemente à porta. A cabeça escura de Kamila, a sua neta, surgiu, a espreitar, soltando um suspiro quando a viu à secretária. Os olhos diziam mil palavras, e a boca não demorou a acompanhá-los, como de costume.

— Se continuares assim, vais ficar exausta, *Babička*. Sabes bem o que o médico disse.

Naděje fitou a jovem por cima dos óculos, os olhos azuis penetrantes, tal como quando, sobre o estrado, pedia aos seus alunos que refletissem sobre as coisas de uma perspetiva diferente.

— O que é que os médicos sabem verdadeiramente sobre o espírito humano, *dítě*? Eles só confiam naquilo que podem pôr num frasco, ou explicar preto no branco. Mas eu vi aquilo que as pessoas são capazes de fazer, o que são capazes de conquistar, o que são capazes de superar, se tiverem força de vontade.

Kamila sabia que não valia a pena discutir com a avó sobre filosofia, pelo que optou por tentar uma verdade simples e inegável.

— Mas todos nós precisamos de dormir, *Babička*. Até tu.

Naděje franziu os lábios, em aquiescência, e escolheu uma mentira velha, como um par de chinelos gasto, confortável e familiar.

— Só mais dez minutos. — Ergueu a cabeça, de olhos esperançosos. — E, talvez, mais um café?

Kamila produziu um som, uma mistura de divertimento e de resignação.

— Está bem. Mas depois, cama — respondeu com firmeza, levando os lábios à frente da avó, antes de se encaminhar para a máquina de café, no outro lado da sala.

Naděje assentiu com um aceno de cabeça, mas ambas sabiam o que iria acontecer. Ela ficaria ali até acabar, independentemente do tempo que demorasse. Voltou a colocar os óculos sobre o nariz e pegou numa nova folha de papel. Depois, tocou na fotografia de uma mulher jovem e magra, com cabelo preto muito curto e um bebé nos braços, numa moldura dourada que estava sempre na secretária.

Tinha uma última história para contar.

A delas.

E começara no inferno, na terra.

# I

## *Auschwitz, dezembro de 1942*

— Estás louca, *Kritzelei*? — perguntou Sofie, por entre dentes, ao seu ouvido, os olhos enormes cheios de medo, e as arroxeadas cicatrizes cruzadas na cabeça acabada de rapar a sobressaírem na alvura do crânio. — Queres que nos deem um tiro? Não pares.

Eva Adami cambaleava sob uma torrente de chuva forte, apoiada nuns socos demasiado grandes e desiguais, um dos quais esteve perto de perder na lama espessa e infindável, revolvida pelos milhares de pés que a tinham pisado antes de si. Ainda estava escuro — passariam poucos minutos das quatro da manhã —, embora a intensidade dos projetores fizesse parecer que era mais tarde. Eva avançava, curvada, tentando manter-se quente, uma tarefa ingrata e infrutífera. O aguaceiro parecia inclinar-se de propósito para se infiltrar no seu decote.

Detestava a *Appell*. A chamada ocorria duas vezes por dia, e elas tinham de sair sem demora dos barracões e esperar, independentemente do tempo que fizesse, estivessem vestidas ou não, para serem contadas e recontadas, durante horas infindas. A desobediência poderia custar-lhes a vida. Embora, na verdade, quase tudo lhes pudesse custar a vida, naquele lugar.

Virou-se para encarar a amiga, um estranho olhar no seu rosto magro, os olhos cor de avelã parecendo ainda maiores por ter rapado o cabelo escuro.

— Só estamos aqui há uma semana. Foi o que a Helga acabou de dizer.

Ouviu-se uma ténue exalação, e, de seguida, o murmúrio de um palavrão.

Uma semana. Naquele lugar. Uma semana desde que a sua humanidade lhes fora arrancada. Desde que foram reunidas como gado e atiradas para um comboio imundo que tresandava a morte e a degradação, quase sem conseguirem respirar durante dias a fio, de tão comprimidas que estavam por corpos estranhos. Até chegarem ao cúmulo do caos — maltratadas por entre barulho e gritos, divididas em grupos e levadas para um enorme corredor, onde foram despidas e desfilaram, nuas, perante o olhar licencioso dos guardas das SS, vendo as suas cabeças a serem rapadas por mãos brutas. Depois, tiveram de lutar com unhas e dentes para conseguirem vestir alguma roupa, que escolheram de uma pilha de peças usadas e desconformes, antes de serem escorraçadas.

Eva não sabia que ainda conseguia sentir-se chocada depois de tudo o que passara até chegar ali, mas, de alguma maneira, as palavras de Helga mostraram-lhe que sim.

— Uma semana de inferno — resmungou Vanda, verbalizando-lhe os pensamentos. O cabelo ruivo, a pele pálida e as sardas escondiam as suas origens checo-magiares. — Era de esperar que parecesse uma eternidade.

Vanda viera no comboio com Eva e Sofie, a viajar de pé, durante dois dias. Havia um balde para a comida e outro para os resíduos de 50 mulheres.

— Acham que é preciso mais de uma semana para dar cabo de uma vida? — murmurou Helga, com incredulidade na voz. Tinha pouco mais de 50 anos, mas parecia bastante mais velha, o cabelo grisalho escuro começara a crescer, ralo e liso, e os olhos exibiam a mesma expressão vítreas dos de algumas das outras mulheres, como se de um fantasma ambulante se tratasse. Tinha chegado ali alguns meses antes delas, e o tempo havia começado a fazer-se notar, sobretudo na falta de paciência que demonstrava perante algumas das

recém-chegadas, como Eva. — Não sabem já que a vida se pode virar do avesso, sem mais nem menos? — perguntou, batendo com a palma da mão no pulso magro, num ruído retumbante, como uma bala, que fez todas as outras estremecer. Abanou a cabeça e recusou-se a encará-las de novo.

Eva sabia-o. Melhor do que muitas.

Ainda assim, não conseguia deixar de pensar que, apenas uma semana antes, não fazia ideia de que podia sequer existir um lugar daqueles — um lugar concebido para o extermínio de pessoas. Um lugar que fazia com que Theresienstadt, o campo de concentração nazi e gueto da cidade de Terezín, nos arredores de Praga, onde vivera no ano anterior, parecesse um sonho.

— Não, o inferno teria sido melhor — murmurou Vanda quando Helga voltou a avançar à frente delas, olhando para trás com os lábios franzidos num trejeito que parecia um sorriso irónico. Todas se viraram para olhar para ela, perplexas. Um dos pastores-alemães começou a morder a trela e a rosñar, com o pelo eriçado, pronto para lhes rasgar a carne e deixar o rasto sangrento dos seus restos na lama. Vanda fitou o cão, sem sequer pestanejar. — Pelo menos estaríamos quentinhas.

Eva resfolegou. Era surpreendente o que se passara a achar engraçado num lugar como aquele.

À «refeição» do meio-dia, esperaram, em fila, pelo litro de sopa que lhes estava destinado. Eva usou a mão como recipiente para o líquido aguado, ficando longe de obter a quantidade de alimento que deveria receber, uma vez que, sem uma caneca, por mais que se esforçasse, o precioso líquido derramara e caíra no chão. A comida tinha um cheiro e um sabor peculiares. Algumas mulheres recusaram-se a comê-la quando ali chegaram, e até Eva — que conhecia muito bem a fome, pois vinha de Theresienstadt — teve dificuldade em engoli-la, ao início. Porém, após os primeiros dias, todas a devoravam desesperadamente. Corria o rumor de que os guardas lhe acrescentavam



algo para as manter calmas e para as impedir de menstruar. Não cumpria a primeira intenção e, quanto à segunda, só o tempo o diria. Eva desconfiava que as míseras rações acabariam por tratar do assunto, embora não fosse certo, já que, apesar de tudo, algumas mulheres ainda tinham o período.

A sopa sabia verdadeiramente mal, mas Eva teria dado tudo para obter mais. Na sua cabeça, não havia espaço para os danos que a comida possivelmente estragada poderia ter no seu corpo, a longo prazo, uma vez que só se preocupava em sobreviver a cada dia, o que significava conseguir obter mais sopa, fosse como fosse.

Ao fim da tarde, pelas 19 horas, depois de o dia de trabalho terminar e elas terem «tempo livre» — que passavam nos barracões —, recebiam uma fatia de 300 gramas de pão de centeio e uma colher de chá de compota ou de margarina, devendo guardar metade para o pequeno-almoço. Poucas eram capazes de esperar, pelo que começavam o dia com um substituto grumoso de café, bastante insípido, até chegar finalmente a hora da sopa.

— A primeira coisa que vamos fazer — disse Eva a Sofie depois de comer, observando uma das mulheres que já lá estava há mais tempo e que obtinha uma porção maior de sopa, numa caneca de metal gasta — é arranjar as nossas próprias canecas, ou até tigelas.

As mulheres que tinham semelhantes luxos conseguiam porções maiores, bem como pedaços de legumes mais substanciais. Era um utensílio aparentemente simples, mas, naquele lugar, poderia fazer a diferença entre a vida e a morte.

Sofie fitou Eva e abanou a cabeça, rindo contra vontade, um som doce e inesperado, como o canto de um pássaro numa manhã gélida de inverno.

— Uma tigela? Aqui? *Kritzelei*, sempre a tentar alcançar as estrelas. E como sugeres que o façamos?

Os lábios de Eva contraíram-se em resposta, os olhos cor de avelã a cintilar. Sofie dera-lhe a alcunha de *Kritzelei* em Theresienstadt, onde ambas se haviam conhecido. Significava «desenho», porque Eva tinha a tendência de sonhar acordada e de ver o mundo como

gostaria que ele fosse. Fora artista e ilustradora, no passado, antes de os nazis traçarem novos planos para a sua vida.

No entanto, em Theresienstadt, tornara-se artista noutras coisas, devido à necessidade; como «canalizar» — redistribuir os pertences que lhes tinham sido retirados na *Schleuse*, a zona do campo para onde os nazis levavam os prisioneiros e lhes tiravam tudo. Canalizar não era o mesmo que roubar; era mais como devolver, mas com juros.

— Ainda não sei — respondeu ela, observando uma mulher a passar apressadamente, tão magra que parecia feita de fósforos. — Mas temos de tentar. Não podemos acabar como elas.

— Chamamos-lhes *Muselmann* — sussurrara Helga, pouco depois de se apresentar, na primeira noite que passaram no barracão gelado, onde dormia mais de uma centena de mulheres, em grupos de oito, nos duros beliches de madeira dispostos em três patamares ao longo do espaço, como jaulas.

Eva olhara na direção do murmúrio de Helga, vendo-lhe o dedo vermelho a apontar para o vulto seco como palha de uma mulher cuja alma parecia ter-se sumido há algum tempo.

— *Muselmann*?

— Como os homens ajoelhados em oração. Dobrados sobre si próprios. São aquelas que já desistiram por completo.

Eva pestanejara, tentando assimilar a ideia, depois de tudo o que acontecera naquele dia. Seria aquele o seu futuro ali? E o de Sofie?

— E não é compreensível? — comentara Vanda, quando uma rapariga, que viera com elas no comboio, se desfez em soluços.

De súbito, uma *Kapo*, uma prisioneira de longa data incumbida de tomar conta do barracão, dirigira-se à rapariga e dera-lhe uma bofetada, ordenando-lhe que parasse de chorar; caso contrário, chamaria um guarda para a silenciar de vez.

— Ela não é tão cruel como as outras — dissera Helga. Referia-se às outras *Kapos*, algumas das quais eram tão cruéis quanto os

próprios guardas e emulavam o seu sadismo para caírem nas suas boas graças; outras, porém, pareciam ter mantido um resquício da sua humanidade. Eva e Sofie observavam a cena atentamente, e Helga explicara: — A rapariga acabou de descobrir o que aconteceu à mãe — sussurrara. — É bom que aprenda rapidamente a aceitá-lo e a não levantar ondas, ou não tarda conhecerá o mesmo destino.

Eva sentira um arrepio na espinha, que nada tinha que ver com o frio no barracão gelado.

— Para onde é que levaram a mãe dela? — perguntara.

A velha Helga estava curvada como um corvo velho, o cabelo encanecido e cheio de pó começava a crescer de novo, liso e fraco, como penas carcomidas por traças. Olhara para Eva como se a resposta fosse óbvia, apontando para o exterior do barracão, embora, na verdade, não se conseguisse ver nada pelas frestas.

— Para a chaminé.

Eva resfolegara e agarrara-se a Sofie ao compreender.

— Eles queimam-nas?

Sofie fechara os olhos, num choque silencioso.

Helga assentira com a cabeça, com uma expressão compassiva. Os grandes olhos pretos contornados por rugas finas e arroxeadas não tinham vida, mesmo quando dissera:

— Vamos morrer todas aqui. Quanto mais cedo o aceitarmos, melhor.

Depois, virara-se e deitara-se a olhar para a parede, do outro lado do beliche, aparentemente cansada de falar e de explicar o inevitável a quem chegava.

Eva engolira em seco ao ouvir o som dos soluços abafados da rapariga. O coração batera surda e dolorosamente no seu peito. Partilhara um olhar silencioso de terror com Sofie e Vanda.

Quando a noite caiu, receberam um pedaço de pão de centeio, e não havia mais a fazer senão tentar dormir. Eva encaixara o corpo junto ao de Sofie. O beliche era duro, e havia um cobertor fino, imundo, que todas tentavam partilhar. Apesar dos corpos apertados

uns contra os outros, o frio era intenso. Eva estava descalça, pois não conseguira encontrar peúgas nem meias altas depois de os guardas as terem despido para o que seria um duche, mas que não passara de uma borrifadela de água sobre a pele imunda, e lhes terem dado roupas ainda mais sujas para vestirem sobre os corpos frios e húmidos. Haveria de chegar o dia em que temeriam os duches, mas, até lá, viviam em santa ignorância. Processar aquilo era suficiente, naquele momento. Eva vestia uma roupa maltrapilha, composta por um velho vestido-casaco de manga comprida, vários tamanhos acima do seu, um fino casaco de homem às riscas e uns socos desirmanados que a haviam aconselhado a nunca tirar, nem quando dormia, para não lhos roubarem.

Virara-se, o olhar fixo no beliche de madeira sobre a sua cabeça, fazendo com que as outras resmungassem, pois significava que tinham de fazer o mesmo. As tétricas palavras de Helga ressoavam no seu cérebro, como um martelo de forja.

— Vamos sobreviver — murmurara a Sofie, pegando-lhe na mão, no negrume da noite. — Vamos sobreviver a isto, como sobrevivemos a Theresienstadt.

— Como? — sussurrara Sofie. A amiga, sempre tão franca e direta, dura de roer, pousara os olhos pretos e temerosos nos de Eva. As suas olheiras profundas denotavam o pouco que tinham dormido no comboio, e Sofie suspeitava que também não iriam dormir muito nos dias seguintes. — Há uma mulher aqui que disse que eles mataram toda a gente da sua aldeia. Foram todos levados e executados no primeiro dia. Quase toda a gente que aqui está perdeu os pais ou os parceiros ou os filhos.

Eva fitara-a no escuro, tentando assimilar aquela ideia.

— Exatamente — assentira Helga, por entre dentes. Levantara-se com um esgar e virara-se para trás, lançando-lhe um olhar reprovador, os olhos vidrados, quase febris, com uma ira intempestiva. Algumas das outras mulheres resmungaram perante o distúrbio. Helga ignorara-as, repreendendo Eva. — Achas que és especial? Que és a única de todas nós que merece sobreviver?

Eva negara com a cabeça.

— Não, não acho.

Helga erguera uma sobranceira fina.

— Ainda assim, pensas que haverás de conseguir sair daqui viva, de alguma forma — ripostara por entre dentes.

— Calem-se! — gritara a *Kapo*, surgindo subitamente, vinda do seu quarto, no fundo do barracão. — Ou farei com que sejam executadas aqui e agora!

As mulheres sossegaram imediatamente.

Eva voltara a deitar-se, ficando a olhar para a madeira sobre a sua cabeça.

— Vamos sobreviver e vamos voltar a encontrar o Michal — murmurou a Sofie.

Helga soltara um som gutural, incrédula.

— O teu marido?! — atirara. — És uma perfeita idiota! Ninguém aqui se pode permitir pensar assim. É melhor esqueceres quem foste no passado. Essa vida acabou. Acredita no que te digo.

Eva deixara cair uma lágrima de raiva, pensando nas *Muselmann*.

— Não. Assim é que não podemos permitir-nos pensar. Como se não houvesse uma réstia de esperança, pois essa é a única forma de eles nos vencerem verdadeiramente.

## 2

Auschwitz era do tamanho de uma pequena cidade. À entrada dos portões, lia-se uma mentira: «*Arbeit Macht Frei*» — O Trabalho Liberta.

Eva cerrou os maxilares perante a ideia. Só se os nazis se referissem à derradeira liberdade — libertarem-se da própria vida. Continuou a caminhar com dificuldade junto ao arame farpado, nos seus socos demasiado grandes, que escorregavam e deixavam a lama fria e suja envolver-lhe os dedos gelados, provocando-lhe dores lancinantes pela barriga da perna acima, à medida que avançava.

Auschwitz era, ao mesmo tempo, um campo de extermínio e de trabalhos forçados. Tinha começado por ser um centro de detenção de prisioneiros políticos, mas, após a Solução Final de Hitler — que previa o extermínio de todos os judeus e de outros indesejáveis, como os deficientes mentais, os ciganos, os homossexuais e outros considerados inaptos para viver na Alemanha nazi —, havia-se transformado oficialmente na sua maior máquina de morte.

Eva encontrava-se em Birkenau, ou Auschwitz II-Birkenau, como era oficialmente conhecido o maior campo de concentração, capaz de albergar mais de 80 mil prisioneiros, e um dos mais de 40 complexos do género. Olhando para lá da extensão de lama revolvida por dezenas de milhares de pés, a cerca de cem metros de distância, para

lá do comprido edifício de tijolos com um torreão de vigia que se elevava sobre as filas dos decrepitos barracões de madeira, viu uma pequena equipa de homens a reparar um telhado.

Michal estaria algures por ali. Poderia até estar entre aqueles homens.

Eva sabia que a probabilidade de algum daqueles homens ser o seu marido — ou até de algum saber alguma coisa sobre ele, num campo daquele tamanho, com tantos edifícios, separados por distâncias tão amplas — era ínfima. Porém, se conseguisse arranjar uma forma de falar com eles, talvez algum tivesse alguma informação. Talvez alguém, de uma maneira ou de outra, fosse capaz de lhe dizer alguma coisa.

Afinal de contas, era por isso que ela ali estava.

Toda a gente em Theresienstadt, um gueto que servia de campo de passagem, fazia os possíveis para que os seus nomes não fossem incluídos nas listas de transporte, mas Eva voluntariara-se para ir. Para ali. Voluntariara-se, na esperança de seguir o marido, antes de perceber exatamente o que isso significava. Não fora a única a fazê-lo. Inúmeras mulheres estavam ali por intuítos idênticos.

Um guarda das SS viu-a a fitar o grupo de homens e aproximou a mão inquieta da arma. Eva retomou caminho, arrastando-se pela lama o mais rapidamente que conseguia, em direção à lavandaria, onde estava incumbida de trabalhar, juntamente com as outras mulheres que seguiam na fila, à sua frente. Ergueu o queixo, lançando um último olhar ao guarda, antes de entrar. *Fá-lo-ia de novo, mesmo sabendo o que sei agora, se isso significasse que te conseguiria encontrar, Michal. E vou encontrar-te*, jurou no seu íntimo.

Demorou três dias a conseguir as canecas, fazendo uso de tudo o que o seu tio Bedrich lhe ensinara. O tio era um jogador, um trapaceiro, e ensinara-lhe tudo o que sabia em Theresienstadt, o gueto para onde havia sido transferido, juntamente com o resto da família de Eva, após os nazis terem ocupado a Checoslováquia e decidido que os judeus deixariam de ser cidadãos do seu país.

\*

— Foi esta? — perguntou Bedrich, uma noite, ao pegar na carta que Eva tinha escolhido um minuto antes e que, sem que a sobrinha se apercebesse, acabara no seu velho chapéu cinzento.

— Foi! — gritou ela, espantada, com os olhos cor de avelã esbugalhados no rosto em forma de coração.

As linhas junto aos olhos do tio acentuaram-se, num sorriso, quando Eva ficou boquiaberta ao vê-lo tirar a dama de espadas da aba do chapéu. Piscou-lhe o olho e enrolou um cigarro.

Estavam no pátio, e ouvia-se alguém a tocar guitarra ao fundo, uma canção popular sobre amor e perda. Mais tarde, houve até um concerto com músicas novas de um compositor afamado. Às vezes, quase se conseguiam convencer de que viviam uma vida normal, embora a higiene insuficiente, o sobrepovoamento e as miseráveis razões trouxessem a verdade ao de cima.

— A trabalhar no duro, como é habitual, Bedrich — comentou o pai de Eva, com a provocação nos olhos cor de avelã, parecidos com os da filha, saudando-o com um dedo ao passar. Era uma piada batida e familiar.

— Sempre — respondeu Bedrich, com a boca a curvar-se num irreprimível meio sorriso malandro.

Ficaram a observar Otto, o pai de Eva, a passar, com um aceno de cabeça para a filha e um recado de que a mãe andava à procura dela.

Era um homem alto e magro, de cabelo grisalho e espesso, e olhos bondosos, envergando um fato. Encaminhava-se, com os braços carregados de papéis, para o escritório do campo, onde trabalhava como escriturário. Sendo um dos melhores antigos contabilistas de Praga, fazia uso das suas competências para manter o campo nazi a funcionar eficientemente.

Não estava sozinho. Toda a gente trabalhava no campo para o manter a funcionar, fosse a trabalhar na horta, como Eva, ou, como a mãe dela, a trabalhar na lavandaria, ou, como Bedrich, a fazer todos os trabalhos estranhos que exigiam um homem que não fizesse



demasiadas perguntas. Todos eram necessários. No entanto, poucos tinham a sorte de conseguir um dos melhores empregos, como acontecera com o pai de Eva. Conseguira-o, em grande parte, devido ao estatuto de ter sido um dos primeiros a chegar: havia uma ordem de escolha, e aqueles que tinham ajudado a construir o lugar estavam no topo da lista — o que parecia significar que tinham tido uma palavra a dizer na construção, mas não tinham. O pai de Eva, para desconsolo da família, não conseguia tirar proveito do estatuto, e, acima de tudo, da proteção que a sua posição lhe poderia ter assegurado.

— Sempre tão ocupado, Otto, a respeitar as regras deles — murmurou Bedrich, abanando a cabeça.

Apanhou Eva a olhar para si e franziu os lábios, sorvendo longamente o cigarro de enrolar, antes de o partir com os dedos grossos e de colocar o que restava no chapéu cinzento, por precaução, com os olhos pretos inusitadamente sérios.

— Eva, ouve-me. É importante. O teu pai é o melhor homem que eu conheço. É amável e justo. Toda a minha vida o admirei. A tua *Babička* chamava-me a ovelha negra da família, pois, como sabes, eu estava sempre a meter-me em sarilhos. Continuo assim, na verdade. — Piscou-lhe o olho ao dizê-lo, os olhos pretos a cintilar, fazendo-a esboçar um sorriso. Eva sempre adorara o seu tio algo malandro, que tinha sempre esquemas de enriquecimento fácil na manga: um consistira em criar répteis exóticos, e durara algum tempo; outro consistira em criar uma sala de póquer fora de horas, o que lhe trouxera alguma riqueza, antes de tudo lhe ter sido tirado. — A tua avó queria que eu fosse mais como o Otto — prosseguiu Bedrich —, que tivesse um emprego a sério, que distinguisse o certo e o errado, como o preto e o branco, sem tons de cinzento. Para ele, tudo tem de bater certo. Acho que é por isso que se tornou contabilista. — Esboçou um sorriso contagiante, revelando os dentes ligeiramente tortos. Abanou a cabeça e continuou: — Está sempre a dizer-me «Bedrich, eu não vou mudar quem sou. Não vou deixar de defender aquilo em que acredito, nem o que está correto, e não vou recorrer a mentiras e a truques para subir na vida, neste lugar. Também não vou tirar

vantagem de nenhum tipo de prerrogativa aparente por ter sido um dos primeiros infelizes a vir para aqui. Se o meu nome estiver numa lista de transporte, porque hei de lutar contra isso, se tal significar simplesmente que outra pessoa ocupará esse lugar?»

Eva expirou profundamente, em choque. As listas não eram perfeitas, nem justas, não obstante o que as pessoas que as controlavam queriam dar a entender: que se tratava da eficiência, precisão e fiabilidade alemã a funcionar. Por vezes, ouvia-se dizer que acrescentavam aleatoriamente mais pessoas aos transportes, como chamavam aos comboios naquele lugar. Pessoas perfeitamente saudáveis, que podiam trabalhar em Theresienstadt, eram afastadas das suas famílias e enviadas para «este» sem sequer um adeus, só para ocuparem o espaço vago de um vagão, simplesmente porque, por acaso, estavam, naquele momento, na linha de visão dos guardas.

Fora o que acontecera a Michal. Eva só sabia que ele tinha sido atirado para um comboio e levado dali. Nada mais. O mundo dela acabara no espaço de meros minutos, e a preocupação e o desconhecimento do seu paradeiro eram, desde então, um tormento constante. Olhou para longe, os olhos encobertos pelas lágrimas não derramadas.

O tio beliscou a pele entre os olhos, assentindo com a cabeça, como se soubesse exatamente o que ela estava a pensar.

— Eu disse-lhe: «Otto, não sejas tolo. Tu fazes isso pela mesma razão por que te baixas quando ouves um disparo. Não tens de lhes facilitar as coisas.» Mas ele não me dá ouvidos. Talvez tu me dêes ouvidos. Eu tenho visto como isto é para ti. És pequena, mais pequena do que os outros, sempre perdida num pequeno mundo só teu, a desenhar, a sonhar com um mundo melhor, através da tua arte. Sempre foste assim, mesmo em criança. — Sorriu. — Tal como a Mila. — Ambos se entristeceram ao pensar nela. A filha dele, a prima e a melhor amiga de Eva, levada demasiado cedo pela escarlatina, que assolara o gueto de forma galopante, no verão. Bedrich ergueu a cabeça, contendo as lágrimas. — Por seres sensível, por seres pequena, podes sentir dificuldades num lugar como este: podes ser

pisada se não marcares a tua posição. Às vezes, isso significa que temos de lutar com mais garra para ensinarmos os outros a serem mais justos, percebes?

Eva encolheu os ombros. Era algo que já sabia. Por vezes, tinha de usar os cotovelos para se certificar de que não era empurrada para fora da fila da comida. O que o tio dizia era verdade. Quem não estivesse na fila a tempo podia ficar sem nada para comer. Não havia restos, ali. Eva aprendeu rapidamente essa lição. Não precisou de uma segunda.

Bedrich acenou enfaticamente com a cabeça, como se estivesse a ler-lhe os pensamentos.

— Às vezes, é preciso usar outras habilidades para sobreviver. Esperteza — disse ele, tocando com o dedo na testa e piscando-lhe o olho. — Vai haver coisas que fazes aqui que não encaixam lá fora, no mundo real. Mas terás de as fazer na mesma. Porque não estamos lá fora, percebes? E ninguém nos virá acudir nos tempos mais próximos. As regras, neste lugar, neste momento da nossa vida, são diferentes. Se compreenderes isto, talvez consigas sair daqui viva. E eu preciso que sobrevivas a isto, está bem, *dítě*? Já perdemos demasiada gente.

Pouco tempo depois, as aulas com o tio começaram. Eram uma distração agradável da dor por ter perdido a prima e dos receios e das preocupações relativamente a Michal.

Eva tinha um objetivo definido: descobrir para onde o tinham levado. E ir atrás dele, assim que fosse possível. Porém, até lá, iria aprender tudo o que a pudesse ajudar a sair viva daquela situação. E aprendeu.

Ao longo da primeira semana, o tio ensinou-a a ser hábil com as mãos e a dominar a arte da distração. Na segunda semana, já era capaz de tirar um objeto da mesa sem que ninguém desse conta e, na terceira, conseguia voltar a colocá-lo no mesmo lugar, também sem que ninguém reparasse, o que era, afinal, a parte verdadeiramente complicada. Eva não queria roubar nada aos amigos nem aos outros residentes, e, por princípio, não o faria, mas roubaria

aos guardas e aos inimigos, se fosse necessário, para manter os amigos e familiares vivos. Aprendeu que a maioria das pessoas não vê o que realmente se passa à sua volta, mesmo quando está a acontecer debaixo do seu nariz. Aprendeu também que é possível contribuir para isso, distraíndo-as um pouco, se necessário.

Ao fim de três meses, conseguia até fazer o truque das cartas. Era simples, depois de se perceber como funcionava. Como acontecia com quase tudo, na verdade. O conhecimento era poder.

Obter as canecas foi relativamente simples, embora longe de ser fácil. Foi necessário guardar o pão de centeio a que tinham direito durante três dias para o usar como moeda de troca, com uma mulher que, segundo Helga, conseguia aquele tipo de coisas. Uma polaca alta, de ancas largas, chamada Zuzanna, que lhe deu três canecas.

— Organizei estas para ti — disse ela, pondo uma de parte. Era o verbo que utilizavam ali: «organizar».

Eva olhou para a caneca que ela pusera de lado.

— Preciso de quatro — disse com firmeza.

— Isso vai custar-te mais.

Eva assentiu com a cabeça e ofereceu-lhe um lenço, um objeto precioso que Sofie encontrara no monte de roupa à chegada, e que constituía a sua contribuição. Sofie não sabia que Eva estava a passar fome para obter as canecas, pois, se soubesse, ter-lhe-ia infernizado a cabeça. De facto, fora um inferno: três dias à base de café falso e sopa aguada. Porém, a comida era a moeda de troca mais procurada em Auschwitz, e com maior valor nominal.

Zuzanna examinou atentamente o lenço, coçado, mas quente e grosso, e assentiu com a cabeça, entregando-lhe a quarta caneca. A segunda moeda de troca mais valiosa era qualquer coisa que ajudasse a combater o frio inclemente.

Valia a pena por uma barriga mais cheia — as canecas assegurariam que elas conseguiriam obter pelo menos a sua quota-parte

da sopa e do café, em vez da pequena mão-cheia que lhes escorria pelos dedos nus todos os dias. Um pormenor pequeníssimo, mas que fazia toda a diferença. Eram para Eva, Sofie, Vanda e para outra mulher, chamada Noemi, que dormia no beliche debaixo do delas.

Entregou a caneca a Noemi naquela manhã, antes da *Appell*. Os olhos dela arregalaram-se perante tamanho presente. Era uma mulher bonita, apesar do cabelo preto rapado, de olhos azul-claros e maçãs do rosto altas.

— Para mim?! — perguntou, perplexa. — Como é que organizaste isto? Fico a dever-te, obrigada.

Eva encolheu os ombros e piscou-lhe o olho. Noemi ficaria em dívida para com ela. Era assim que as coisas funcionavam ali; a vida existia à base de trocas de favores: quanto maior o favor, maior seria o que se haveria de receber em troca. Podia não resultar em nada, ou ser uma pequena apólice de seguro para mais tarde. As mais astutas faziam-no.

— Tens um dom natural, Eva — comentou Vanda, seguindo atrás delas com a nova caneca bem presa entre as mãos. Já estava a falar sobre como iria dormir com ela atada à cintura, para não ser roubada, o que também era comum. As pessoas faziam o que fosse necessário para sobreviver.

Eva encolheu os ombros, evasiva. Não tinha um dom natural para aquilo ao início, nem de perto nem de longe, demasiado propensa a sonhar acordada e demasiado compassiva. Contudo, Bedrich ensinara-a bem.

### 3

A neve começava a cair em flocos espessos, que giravam em volta das mulheres, à medida que elas avançavam, tentando reprimir a tosse e os espirros. As mais sagazes faziam por se mostrar mais fortes, mais resistentes, mais capazes de trabalhar. As menos perspicazes não o faziam, correndo o risco de serem enviadas para um gênero de trabalho que assegurasse o rápido definhamento.

O barulho vindo das enormes filas de mulheres, mesmo com o efeito de abafamento da neve, era alto, como o zumbido das abelhas. Eva pôs-se em bicos de pés, sentindo-os entorpecidos, com as costas direitas, para parecer mais alta e mais forte. Decidiu que o seu próximo empreendimento seriam meias, pois começava a ficar seriamente preocupada com a possibilidade de ter frieiras.

Porém, isso não se comparava com o problema que afetava Vanda. A húngara engolia em seco, os lábios largos retesados no rosto, cuja pele sardenta e pálida perdera toda a cor, fazendo com que o cabelo rapado brilhasse na luz ténue de inverno.

Um dos guardas das SS, que respondia pelo nome de Wilhem Hinterschloss, olhos cinzentos frios, lábios finos e dedos ainda mais afilados, como um fuso, observava-a, irado, como se ela fosse um inseto que ele gostaria de esmagar, e sem demora. Repetiu a ordem, os maxilares a cerrarem-se ao proferi-la, mas era evidente que Vanda,

cujo alemão era, na melhor das hipóteses, limitado, continuava sem o compreender.

— O armazém — sussurrou Eva, arrastando os pés, tentando aproximar-se dela, com o coração a ressoar de medo. — Querem que vás para o armazém de triagem, aquele a que eles chamam *Kanada*.

Fora assim apodado pelos prisioneiros, em homenagem a um lugar que consideravam ser uma terra de abundância, e que em alemão se escrevia com «K».

Hinterschloss virou-se severamente para Eva, os olhos cinzentos a chamejar, a zona branca num tom amarelado, como se tivessem sido mergulhados em nicotina. A voz era fria e baixa, e trespassou-a mais profundamente do que o frio.

— O que é que disseste?

Eva sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha, ficando com a boca subitamente seca. Teve um vislumbre dos dentes de rato do guarda, e a imagem vívida de um roedor prestes a regalar-se com a sua presa invadiu-lhe a mente. O seu coração começou a palpitar, os braços e as pernas entorpeceram-se abruptamente. A língua parecia não lhe caber na boca quando tentou articular uma resposta.

Engoliu em seco quando o guarda avançou, as botas grossas e cardadas a afundarem-se na neve, o rosto a poucos centímetros do dela. Tinha um hálito bafiento e cheirava a whisky. Era de prever que os guardas usassem algo para neutralizar o frio, enquanto esperavam lá fora com elas. Não pareciam precisar dele para os corações, pois nem sequer tinham coração.

Eva hesitou.

— Eu... eu estava a traduzir, senhor.

As mãos de Hinterschloss pairaram sobre a arma, e Eva fechou os olhos por um instante, num medo servil. O dia em que conhecera Sofie, no gueto judeu, ainda antes de começar com as lições do tio, passou-lhe pela cabeça, súbita, espontânea e rapidamente.

— Falas alemão?

Eva ergueu a cabeça do caderno de desenho. Não era mais do que uma coleção de pedaços de papel que ela coligira e a que dera a forma de um caderno com a ajuda de um cordel que trocara por uma batata. A mulher que, naquela manhã, havia sido mudada para o barracão onde ela dormia estava junto ao seu beliche. Ainda não tinha encontrado uma cama. O espaço era sempre um problema, ali. A mulher, alta e magra, usava um velho vestido verde com as bordas puídas. Tinha cabelo louro-escuro e comprido, e enormes olhos pretos. No cimo da testa, abria-se uma ferida larga e nodosa que se estendia até à linha do cabelo e começava a criar crosta. Parecia que iria deixar uma enorme cicatriz. No entanto, ou talvez por contraste com a cicatriz, Eva apercebeu-se de que a mulher era bonita, de lábios cheios e maçãs do rosto salientes.

Havia duas mulheres a discutir, ao fundo, algo em que não reparara enquanto estava ocupada com os seus desenhos. A comida racionada e a reclusão num local fechado, combinadas com a ameaça constante de serem transportadas para um campo de trabalhos forçados, longe das suas famílias, criavam um ambiente de tensão, de que ela se costumava abstrair refugiando-se no passado com os seus desenhos.

Olhou para os olhos grandes, escuros e curiosos da estranha, que se sentou ao seu lado. Encolheu os ombros e respondeu-lhe à pergunta.

— Nem por isso. Toda a gente aqui fala checo.

— Isso é de loucos.

O longo cabelo preto de Eva moveu-se para a frente quando ela ergueu o olhar, surpreendida, para fitar a recém-chegada.

— De loucos porquê?

— Os prisioneiros falam checo, *Kritzelei*, mas as pessoas em posição de comando, as pessoas que determinam as regras, das quais vocês podem precisar de arrancar alguma coisa, falam alemão.

Os olhos cor de avelã de Eva arregalaram-se de incredulidade perante as palavras da estranha acabada de chegar, com ideias ainda mais estranhas do que ela.



— Arrancar coisas dos alemães? — repetiu. — Como por exemplo o quê? Uma bala? — Abanou a cabeça, voltando ao seu desenho do rio Vltava nos primeiros dias de primavera, quando as unhas-de-cavalo começavam a florescer. Era onde desejava estar, mais do que em qualquer outro lugar. Em casa. Continuou a falar, enquanto desenhava. — Não percebes que eles nunca nos verão como iguais? É por isso que estamos aqui.

Era um facto simples, a razão por que haviam sido reunidos, expulsos das suas casas e forçados a viver naquele gueto judeu infernal.

— Sim, eles nunca irão pensar que somos como eles, mas podemos dar-lhes menos uma razão para nos tratarem como animais. Aprendendo a língua deles.

Eva franziu o sobrolho, pensativa. O que a mulher dizia fazia sentido, e poderia ajudá-la a descobrir para onde tinham levado o seu marido. Levantou o lápis do papel e ergueu o olhar.

— Mas como?

— Eu ensino-te.

— Porquê? Porque é que haverias de fazer isso?

— Porque — esboçou um leve sorriso — ouvi dizer que tinhas espaço no teu beliche. É verdade?

— Sim.

Ficara disponível há pouco tempo, pois a mulher com quem o partilhava fora transferida, levada para outro campo, algures a «este», como os outros.

A mulher inclinou-se para a frente, sentada na ponta da cama.

— Então, é para mim, não é? — Sorriu abertamente, o que lhe transformou o rosto, dando-lhe um ar jovem e irreverente, imediatamente adorável. — Sou a Sofie Weis, já agora.

Eva fitou-a, e Sofie sorriu-lhe de novo.

— Está bem — concordou, apresentando-se também. — Chamo-me Eva Adami.

Sofie era uma professora exigente. Era severa e direta, e não admitia discussões, sobretudo no que dizia respeito à pronúncia. À medida que as semanas passavam, impunha uma mão de ferro.

— Não, *Kritzelei*. Achata os lábios. Não arredondes tanto as coisas.

— O que é que isso interessa? — replicou Eva, com um suspiro. Desprezava tudo o que tivesse que ver com os alemães. Era inevitável. Ao ver o que faziam com todas aquelas pessoas, como os obrigavam a viver, sentia-se humilhada por estar a aprender a sua língua, por tentar soar como eles. — Pronto, vou ter sotaque e não vou soar como eles. E então?

Sofie abanou a cabeça, exasperada.

— Pensa, *Kritzelei*. Depois matam-te porque soas diferente.

Eva revirou os olhos.

— Não me matariam só por causa disso.

Sofie riu-se, afastando uma longa mecha de cabelo louro da frente da cara. Os olhos de Eva pousaram na ferida profunda da sua testa, que se transformara numa enorme cicatriz cor-de-rosa. Fora um movimento involuntário, mas que provava o ponto de vista de Sofie, sem que ela se apercebesse disso.

— Como será viver nessa tua cabeça? — murmurou Sofie. — Cheia de arcos-íris e de honestidade...

Eva cerrou os maxilares. Não era nenhuma tonta; limitava-se a preferir não se focar apenas em quão mal as coisas estavam. Conseguira chegar àquele ponto, não conseguira? Conseguira manter o seu nome fora da lista de transporte, comer e sobreviver. Fizera tudo o que podia para tentar saber para onde tinham levado Michal.

— Não sou nenhuma idiota. Não precisas de fazer troça de mim só porque prefiro não passar o tempo todo que aqui estou a bater com a cabeça nas paredes; só porque tenho a esperança de um dia poder sair daqui.

Os olhos de Sofie amoleceram. Parecia triste.

— Não estou a troçar de ti. Na verdade, admiro-te. Gosto bem mais da tua versão do mundo — observou, apontando para a parede ao lado do beliche, onde estavam pendurados os desenhos de Eva, uma fuga ao ambiente sombrio que as rodeava. Havia desenhos da cidade amada de Eva, do rio Vltava e do Castelo de Praga. Uma amostra de casa. — Porém, no campo de Westerbork, para onde fui levada,

conheci pessoas que não tinham sido tratadas tão gentilmente, vindas de lugares bastante mais cruéis. De lugares onde não havia concertos, onde os amigos e as famílias não se podiam ver e onde as casas de banho não tinham chuveiros nem sanitas. De lugares onde eram tratadas como lixo e onde podiam ser mortas só por estarem no sítio errado. Eu estava destinada a ir para um desses lugares, mais a este — disse Sofie, com os olhos cada vez mais sombrios. — Só nos trouxeram para aqui, para Theresienstadt, porque o comboio que nos levava avariou, e, no meio da confusão, eu acabei por entrar no que vinha para cá. Foi mera sorte ter escolhido aquele comboio. Quero que tenhas consciência disso e que te mantendas em segurança. Sabes que a ideia é mandar toda a gente para fora daqui e para um desses lugares, onde vamos ter de trabalhar a céu aberto ou numa fábrica durante horas a fio. Por isso, preciso que estejas preparada, percebes? Na estação, vi-os a matarem um homem só por ele ter tropeçado e ficado à frente de um guarda. Em vez de o desviarem do caminho, mataram-no, para que não voltasse a acontecer.

Eva pestanejou, tentando assimilar o que Sofie lhe acabava de dizer. Que havia lugares onde a vida se tornara tão desprezível que ela poderia ser varrida como um inseto só por cair no caminho de alguém.

— Mas, se nos odeiam assim tanto, porque é que devemos tentar ser mais como eles? Porque é que nos havemos de dar ao trabalho de soar como eles?

Sofie encolheu os ombros.

— Porque a mais pequena coisa pode fazer toda a diferença neste lugar. A fila em que estás, o comboio em que acabas por entrar. A mosca que vê que a janela está aberta, por uma fresta que seja, sobrevive, *Kritzelei*. A que não vê esbarra contra o vidro, até morrer.

— A traduzir? — repetiu Hinterschloss, os olhos cinzentos a diminuírem até não passarem de fendas no rosto vermelho. — Achas que eu preciso de ser traduzido? Temos tempo a perder, escumalha? — Cuspiu, e a saliva congelou antes de chegar aos pés de Eva.

Eva abanou a cabeça com veemência.

— Não, não precisa. Era por isso que eu queria ajudar, para que as pessoas que o senhor manda trabalhar para o armazém compreendessem a sua ordem.

Ele olhou fixamente para ela, por um instante.

— Querias ajudar? — repetiu suavemente. A mão voltou a pairar sobre a arma. Hinterschloss fungou e fez um aceno quase imperceptível com a cabeça, como se estivesse a pensar que tipo de medida deveria tomar. Estava um frio enregelante; já se encontravam ali fora há mais de duas horas. Talvez ele também o estivesse a sentir, ou talvez os efeitos do whisky estivessem a desvanecer-se, porque, por fim, suspirou e disse: — Muito bem, vai com elas, então. Certifica-te de que compreendem para onde devem ir e o que fazer.

Eva soltou a respiração. Os joelhos tremiam-lhe tanto que, se fizesse algum movimento, cairia. Só foi capaz de assentir com a cabeça, num alívio servil.

— Ou desejas morrer — comentou Vanda quando recomeçaram a longa caminhada pela neve em direção aos armazéns, o coração de Eva ainda a ribombar-lhe nos ouvidos —, ou tens o maior par de tomates que eu já vi. — Riu-se. Algumas das outras acompanharam-na no seu riso.

Sofie bufou, irritada, atrás dela. Também fora enviada para o armazém, assim como Helga. Tinha os olhos muito aberto, sérios.

— Não seas imbecil! Ela acabou de te salvar a vida.

Ainda estava frio, aquele tipo de frio que parecia morder. Tinham sido transferidas para um novo barracão, com as outras prisioneiras que haviam sido enviadas para o armazém. Era um pouco melhor do que o anterior, sobretudo graças a um velho cobertor adicional que podiam partilhar. Não que ajudasse muito. Ouvia-se o uivar do vento, a soprar cada vez com mais força e a fustigar as vigas, fazendo-as tremer, miseravelmente. Num dos outros beliches, uma mulher tossia ruidosamente, não deixando nenhuma das outras dormir.

— O teu cotovelo está a magoar-me — queixou-se Sofie.

Eva voltou a virar-se para o outro lado.

Claramente desconfortável e incapaz de adormecer, Sofie suspirou, passando a mão pela cabeça rapada e marcada pela cicatriz.

— Volta a contar-me a história do rio e do Sol. Do dia em que conheceste o Michal — pediu.

Eva ergueu a cabeça, e um leve sorriso perpassou-lhe pelos lábios. Arrastou-se para junto de Sofie e encostou a cabeça rapada ao ombro ossudo da amiga.

Havia outras vozes no beliche que ecoavam a de Sofie, com o mesmo pedido.

— Sim, conta-nos, *Kritzelei*, a história do rapaz e do dia em que se conheceram.

— E do pêssego. Não te esqueças de descrever o pêssego — pediu Helga, que acabara por se afeiçoar a Eva. Talvez alguma da natureza esperançosa de Eva tivesse contagiado um pouco a velha mulher, que estava longe de ser tão acutilante como quando se conheceram. Haviam-se tornado uma espécie de amigas improváveis.

As outras colegas de beliche soltaram um gemido, os estômagos a roncar de fome e as bocas a salivar ao pensarem no pêssego maduro aquecido pelo sol, a polpa dourada e o sumo doce.

Eva sorriu, na noite escura. Já lhes tinha contado aquela história, mas não se importava de a contar novamente. Era o que fazia, na maior parte das noites: contava histórias. Costumava desenhar, e agora fazia-o com as palavras e com as memórias. Não era assim tão diferente, afinal de contas.

— Estávamos em 1938, no início de abril, em Praga. A primavera chegara mais cedo nesse ano, para compensar o longo inverno. Era um daqueles dias raros, em que o vento soprava fresco, mas não frio, e em que começávamos a pensar que o verão poderia estar a chegar. As unhas-de-cavalo floresciam, e sentia-se o seu aroma nas margens do rio. A cidade velha estava movimentada, as pessoas iam para o mercado, e eu encontrava-me sentada junto a um chafariz.

» Tinha saído cedo de casa, para tentar abstrair-me das notícias. Em casa, não havia mais nada para fazer senão ficarmos preocupados com o que estava a acontecer com a Alemanha desde a anexação da Áustria. Hitler declarara que pretendia anexar a Checoslováquia a seguir, mas nós tínhamos esperança de que o presidente Beneš, ou os aliados, nunca o viessem a permitir, ou pelo menos tentávamos continuar a acreditar que...

— Foi então que viste o mais belo... — interrompeu Vanda, o cabelo curto a brilhar, apesar da escuridão do barracão.

— Não, foi então que ela ouviu a mais bela música — corrigiu Sofie, semicerrando-lhe os olhos pretos. — E não interrompas a história. Estava mesmo a começar a sentir o sol nos meus dedos.

Ergueu as mãos, miseráveis e vermelhas, inchadas e feridas do frio. As frieiras eram um problema sério, no campo, juntamente com tudo o resto.

Eva pegou nas mãos de Sofie e cobriu-as com as suas.

— É isso mesmo — continuou. — Eu estava sentada junto ao chafariz, com o meu caderno de desenho. O sol brilhava, aquecendo-me, protegida do vento. Tinha à minha frente um pêsego, que eu estava a tentar desenhar, mas a minha cabeça não parava de vaguear e de voltar aos olhos preocupados do meu pai, ao medo de podermos entrar novamente em guerra. Estava a pensar se deveria simplesmente ir dar um passeio e deixar os meus pensamentos sombrios para trás quando ouvi a mais bela música, um violino a tocar, e pensei que talvez tivesse caído num sonho. Ao início, a melodia era suave; depois, assombrosa. Parecia estar a levar-me para longe, e devo ter ficado uns dez minutos só a ouvi-la. Não conseguia perceber de onde vinha, pelo que me levantei para ir dar uma volta e investigar. Contudo, não vi ninguém. Depois, finalmente, olhei para cima, apercebendo-me de que estava mesmo por baixo de um estúdio e que, lá em cima, estava um homem a tocar. De onde me encontrava, só lhe conseguia ver os sapatos.

— Não conseguias ver-lhe a cara, de maneira nenhuma? — perguntou Vanda.

— Não.

— Os sapatos eram bonitos? — perguntou Helga.

— Eram velhos.

— Ainda assim, decidiste dar-lhe o teu pêssego?

Todas se riram.

Eva também se riu.

— Sim, quando acabei o desenho, deixei-o no peitoril da janela, a única parte que conseguia alcançar.

— Porque é que fizeste isso? — perguntou Vanda.

Eva encolheu os ombros.

— Não sei. Queria dar-lhe alguma coisa em troca, alguma coisa para retribuir o que ele acabara de me dar.

— E o que fora?

— Esperança.

Eva voltara à praça no dia seguinte e sorrira ao ver que o pêssego já não estava no peitoril da janela. Que talvez ele o tivesse levado.

— Podia ter sido levado por um gato ou um pássaro — comentou Helga, sempre pragmática.

— Talvez — reconheceu Eva.

Ainda assim, ela esperara junto ao chafariz, com o seu caderno de desenho e outro pêssego.

Passara-se algum tempo até a música começar novamente. Eva sentara-se, fechando os olhos para ouvir. O clima arrefecera de novo, uma primavera tipicamente instável, mas ela estava satisfeita por poder ficar ali sentada a deliciar-se com aquela música, protegida por um espesso xaile escarlate, o cabelo negro comprido sob um gorro de lã creme. A melodia era assombrosa e bela, e parecia tocar-lhe todos os recantos da alma.

— E continuavas sem ver a cara dele?

Eva assentiu com a cabeça.

— Só os sapatos. E o tapete onde tocava, azul-marinho e verde-garrafa, gasto nos locais em que ele pisava.

Daí em diante, Eva voltara todos os dias para o ouvir tocar. Para desenhar, independentemente de como estivesse o tempo. Todos os

dias, antes de se ir embora, deixava-lhe uma oferenda: um pêssego, uma maçã. Uma vez, um quadrado de chocolate.

A referência ao chocolate fê-las suspirar, nos beliches.

— Imaginem se ele nunca tivesse pegado nas oferendas. O desperdício! — bradou uma das mulheres.

Todas assentiram com a cabeça. Ali, ninguém ousaria desperdiçar comida.

Um dia, ao voltar à praça para ocupar o seu lugar junto ao chariz, Eva vira que ele deixara algo no peitoril da janela. Uma nota. «Para a menina do pêssego», podia ler-se.

— E o que era? — perguntou Helga.

— Bilhetes para o concerto da orquestra sinfônica, nessa noite.

— Sabias que ele tocava na orquestra?

— Até àquele dia, não. Eu não tinha nenhum vestido adequado, pelo que pedi um emprestado à minha prima Mila. Ela era uma espécie de *socialite*. — Eva sorriu ao lembrar-se da sua prima preferida, de quem tinha imensas saudades. — Um vestido azul, de seda.

Abanou a cabeça perante a memória. Tudo era dado como adquirido, nesse tempo. Ter roupas finas. Estar lavada. Tudo a um mundo de distância dos trapos rotos e sujos que elas usavam naquele lugar, cada uma com algum tipo de uniforme às riscas, que fazia com que todas parecessem iguais, como mais um número.

— Quem é que levaste contigo? — perguntou Sofie, embora, chegada àquele dia, já soubesse toda a história de cor.

Eva esboçou um sorriso.

— Levei a minha mãe.

— Para um encontro! — comentou Vanda, rindo. Tinha o riso profundo e malandro da criança na última fila da sala de aula, fazendo com que todas as outras dessem uma gargalhada.

— Eu não sabia que era um encontro! Pensava que ia apenas a um concerto da orquestra sinfônica.

— Mas não sabias quem ele era? Que romântico! — exclamou Vanda, com os olhos a dançar perante a ideia.

— Embora ele pudesse ser feio e gordo — apontou Helga.



Todas as outras reviraram os olhos na direção dela, mas Eva encolheu os ombros, reconhecendo que poderia ter acontecido.

— Não, ela tem razão. Podia ter sido qualquer um. Bem, pelo menos qualquer um da secção dos violinos.

— Pensavas que talvez o pudesses reconhecer de alguma maneira. Se ele tocasse um solo, por exemplo? — perguntou Vanda.

O vento aumentou lá fora, criando um ruído uivante que fustigou os barracões e fez com que todas se aconchegassem umas às outras.

Eva cutucava o tecido surrado no seu pulso, a cabeça no passado, sem sentir o frio, dessa vez. Se fechasse os olhos, ainda conseguia ouvir os violinos a tocar ao ritmo do seu coração.

— Eu esperava que isso acontecesse, sim. Mas, assim que a atuação começou, percebi que ele não podia ser o violinista principal. Só mais tarde percebi que é preciso um ato divino para se ser um solista. É muito difícil, especialmente quando se é jovem. E eu nem sabia se ele era jovem — observou Eva, com um sorriso.

— Como é que soubeste que ele não era solista?

Os olhos de Eva brilharam ao evocar aquele momento.

— Bem, foi a música. Ele não tocou como eu tinha ouvido. Foi mais rápido, mais preciso, mas a emoção não era a mesma. Por isso, fechei os olhos, e, não sei como, ouvi-o lá à frente. Quando abri os olhos, encontrei-o. Lembro-me de ter agarrado a mão da minha mãe.

— Como? Como é que soubeste que era ele?

Eva sorriu.

— Reconheci-lhe os sapatos.

**Mais de 700 bebés nasceram em Auschwitz.  
Muito poucos sobreviveram.  
Este livro conta a história de um deles.**

Em 1942, Eva Adami embarca num comboio com destino a Auschwitz. Apesar das condições hediondas, ela só pensa em reencontrar o marido, Michal, enviado para aquele campo de concentração seis meses antes. Quando chega ao destino, a dura realidade do campo abate-se sobre ela, e Eva encontra apenas algum consolo na amizade que faz com Sofie, sua companheira de beliche.

À medida que os dias avançam, as duas mulheres conhecem as esperanças uma da outra, unindo-se para sobreviverem nas mais desumanas circunstâncias. Eva quer encontrar Michal vivo naquele lugar implacável. Sofie sonha reunir-se com o filho, Tomas, do qual perdeu o rasto. Contra todas as leis de Auschwitz, Sofie consegue um encontro entre Eva e Michal. Mas isso obrigá-la-á a aproximar-se do inimigo...

Quando Eva descobre que está grávida, coloca a vida de ambas as mulheres em risco. As duas prometem proteger os filhos uma da outra, caso o pior venha a acontecer. Mas num campo de extermínio onde sobreviver a cada dia é, em si, um prodígio, como proteger o milagre da vida?

**Uma narrativa comovente de sobrevivência  
passada num dos lugares mais cruéis  
da história da humanidade.**

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar <b>20 20 editora</b>	ISBN 978-989-668-940-7  9 789896 689407 Romance Histórico
---	---